

# CONSTRUÇÕES E TRANSIÇÕES DE CARREIRA NO ESPORTE ADAPTADO: UM ESTUDO DE CASO COM UMA ATLETA PARALÍMPICA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DO VOLEIBOL SENTADO

## CONSTRUCTIONS AND CAREER TRANSITIONS IN ADAPTED SPORT: A CASE STUDY WITH A PARALYMPIC ATHLETE OF THE BRAZILIAN SELECTION OF ADAPTED VOLLEYBALL

Gabriely Souza Viccari

Verônica Volski Mattes

*Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO*

### Resumo

Este estudo objetiva analisar o desenvolvimento da carreira de uma atleta com deficiência física praticante de voleibol convencional e o voleibol sentado. Vale a pena levar em consideração que a atividade física para os deficientes físicos possibilita ganhos físicos, motores, psicológicos e sociais, como aperfeiçoamento das capacidades motoras, diminuição de riscos para doenças cardiovasculares, melhora na autoestima e autoimagem, estímulo à socialização, trabalho em equipe e cooperação. Com isso, este estudo visa analisar o desenvolvimento da carreira até chegar ao nível de elite, mostrando quais as influências das atividades físicas na vida da atleta.

**Palavras-Chave:** Atividade Motora Adaptada. Deficiência Física. Esporte Adaptado. Voleibol Sentado.

### Abstract

This study aimed at developing the career of a woman with physical disabilities practicing conventional volleyball and sitting volleyball. It is worth emphasizing that physics for the possibilities of physical, motor, psychological and social weight loss, such as improving motor skills, reducing risks for cardiovascular diseases, improving self-esteem and self-image, stimulating socialization, working in team and cooperation. With this, the study aims to determine the level of progress at the elite level, showing what are the influences of physical activities on the athlete's life.

**Keywords:** Adapted Motor Activity. Physical disability. Adapted Sport. Seated Volleyball.

## 1 Introdução

Alguns fatores existentes podem acabar afetando a carreira esportiva de alto rendimento de um atleta que possua algum tipo de deficiência, porém existem também aqueles que influenciam um melhor desempenho do atleta em sua carreira. No esporte é bem provável que atletas atinjam a fase de alto rendimento e nível de elite e passem por constantes demandas de esforço máximo nos limites de suas capacidades fisiológicas e psicológicas.

Existem muitos benefícios que podem ser citados que o esporte adaptado traz, por exemplo, a melhoria da autoconfiança para a realização das atividades do dia a dia, valorização pessoal, autoestima, melhora da condição física, aprimoramento das capacidades físicas gerais e prevenção de deficiências secundárias e reabilitação motora (BRAZUNA; MAUERBERG-DE-CASTRO, 2002; GORLA et al., 2007; GORGATTI et al., 2008). O esporte muitas vezes é indicado desde a fase inicial do processo de reabilitação para deficientes, para garantir melhorias (LABRONICI et al., 2000).

A deficiência é caracterizada pela impossibilidade ou perda na realização de uma tarefa, anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, podendo ser temporária ou permanente de uma pessoa que leva a um impedimento na execução normal para o ser humano. É uma diferença da estrutura ou na aparência do corpo humano e do efeito de um órgão, seja por qual for o motivo. Deficiência é também toda e qualquer pessoa que apresenta características físicas, sensoriais ou intelectuais com diferenças que desenvolvem dificuldades em sua relação com outros indivíduos do cotidiano (FREITAS; SILVESTRE, 2005; AMIRALIAN et al., 2000; MELO, 1991).

Dentre os tipos de deficiências, podemos citar as sensoriais (visuais, auditivas), intelectuais e físicas. Segundo Gorgatti e Costa (2005), a deficiência física (ou motora) refere-se aos problemas osteomusculares ou a função do corpo, interferindo na motricidade. Ela é caracterizada por um distúrbio da estrutura ou da função do corpo, que interfere na movimentação e/ou na locomoção do indivíduo (GORGATTI; COSTA, 2005).

A deficiência física é “[...] entendida como uma alteração no corpo que provoca dificuldades na movimentação das pessoas e as impede de participarem da vida de forma independente”. Podem ser definidas as deficiências motoras/físicas como condições resultantes de lesões neurológicas ou ortopédicas. Essas podem ser classificadas com alguns conceitos de quanto ao momento em que surge, quanto tempo ficam presentes e quanto a sua evolução. As deficiências físicas podem ter diversas causas. Entre elas, podemos citar as lesões medulares, as más formações congênicas e a amputação. O termo “amputação” designa a perda de um membro inteiro ou de um segmento específico do membro. As amputações podem ser classificadas como adquiridas ou congênicas: amputações adquiridas podem resultar de doença, tumor ou trauma; as congênicas ocorrem quando o feto não se desenvolve corretamente nos três primeiros meses de gestação (DUARTE; WERNER, 1995, p.28; TEIXEIRA, 2008).

Grande parte da qualidade de vida das pessoas com deficiência está na prática regular de atividades físicas. A atividade física, por sua vez, foi definida como qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que tem como resultado um aumento substancial em relação ao gasto de energia em repouso (BOUCHARD; SHEPHARD, 1994).

A atividade física para os deficientes físicos garante melhora no desempenho nas tarefas de independência pessoal, no consumo de oxigênio, na capacidade aeróbica, redução do risco de doenças cardiovasculares e de infecções respiratórias, bem como de escaras, infecções renais e urinárias. Podendo também ter maior ganho na expectativa de vida, autoestima, autoimagem, satisfação pessoal, favorecendo assim a diminuição dos transtornos psicológicos (SILVA; OLIVEIRA; CONCEIÇÃO, 2005).

Um exemplo de prática de atividades físicas por pessoas com deficiência é o esporte adaptado. O esporte adaptado, conforme afirma Brazuna e Mauerberg-de-Castro (2002), citado por MAUERBERG-DE-CASTRO (2005), pode ser terapêutico, recreacional e de alto rendimento, contribuindo com o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança, das condições e capacidades físicas, atuando como um estímulo positivo em relação à autoimagem, independência, superação e ainda prevenindo deficiências secundárias (BRAZUNA; MAUERBERG-DE-CASTRO, 2002; MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005).

O estudo sobre esporte adaptado vem ao longo do tempo ganhando novas finalidades nas suas utilizações. O esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico delas e logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Atualmente mais do que terapia o esporte para esta população caminha para o alto rendimento e o nível técnico dos atletas impressiona cada vez mais o público e os estudiosos da área de Educação Física (GORGATTI, 2008).

As pessoas com deficiência possuem a oportunidade de realizar diversos tipos de esportes adaptados, dentre eles, encontra-se o voleibol sentado, para pessoas com amputação ou *les autres*. Em 1956, houve uma combinação do voleibol convencional com o *Sitzball*, que é um jogo de origem alemã que é realizado com os jogadores sentados no chão e não possui rede. Esse esporte foi incluído nas Paraolimpíadas em 1980 e até as Paraolimpíadas de Sydney (2000), o voleibol sentado era dividido nas categorias sentado e em pé. Em Atenas, no ano de 2004, o esporte passou a ser disputado apenas sentado e também foi permitida a participação de mulheres nos jogos. (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO - CPB, 2009).

Com relação às regras do voleibol sentado, existem algumas diferenças com o voleibol convencional, as principais delas são: o tamanho da quadra de jogo que é menor medindo 10 metros de comprimento por 6 metros de largura; a altura da rede é de 1,15 metros para homens e 1,05 metros para mulheres. Os jogadores jogam sentados e é permitido bloquear o saque. Os sets são de 25 pontos e caso acontece Tie-Break é até 15 pontos. O vencedor da partida é a equipe que vencer três sets (WOVD, 2010).

O voleibol sentado, no Brasil é administrado pela Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico (ABVP) e teve como sua primeira participação nas Paraolimpíadas com a equipe masculina em Pequim (2008), onde obteve a sexta colocação no campeonato (ABVP, 2009).

A prática de voleibol sentado pode ser de maneira muito simples inserida em escolas, clubes ou outras instituições, já que esse esporte não exige muitos recursos financeiros, não necessitando de equipamentos especiais como cadeira de rodas e próteses, podendo adaptar as estruturas e materiais já utilizados no voleibol convencional (MACEDO, 2005).

Dessa forma, este estudo apresenta a trajetória de uma atleta com deficiência física (amputação) dentro do esporte adaptado (voleibol sentado). O conhecimento sobre as percepções de atletas do esporte adaptado podem servir de parâmetro para o trabalho de treinadores e equipes técnicas que trabalham com este ou outro esporte (adaptado ou não), bem como fomentam o campo de estudos acerca da pessoa com deficiência e sua inclusão por meio do esporte. O estudo trouxe como objetivo analisar as influências do esporte adaptado na vida de uma atleta praticante do voleibol convencional e adaptado, juntamente com o desenvolvimento da carreira da atleta até chegar ao nível de elite, relacionando a prática do voleibol convencional e adaptado, assim também, verificando a interferência que o esporte (adaptado e não adaptado) possibilitou na vida da atleta.

## 2 Método

Trata-se de um estudo descritivo, de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa está baseada em textos e na escrita, desde notas de campo, transições até descrições e interpretações. A interpretação é feita como um todo, assim as pesquisas qualitativas são relativas às transformações de situações sociais, ou seja, transcrever e escrever em geral preocupações centrais da pesquisa qualitativa (GIBBS, 2009).

A metodologia utilizada nesta pesquisa será o estudo de caso. A pesquisa de estudo de caso é uma das várias maneiras de se realizar uma pesquisa. Ela investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real (YIN, 2015). Segundo Thomaz, Nelson e Silverman (2007) o estudo de caso é um tipo de pesquisa que traz informações detalhadas sobre um indivíduo (instituição, comunidade, entre outros). Determina características singulares do sujeito ou de uma condição. Um único caso é estudado em profundidade para alcançar uma compreensão maior sobre outros casos semelhantes.

### 2.1 População e amostra

Teve como sujeito de pesquisa uma atleta praticante de voleibol, tanto convencional quanto adaptado. A atleta possui deficiência física e joga o voleibol sentado profissional no time do SESI em Suzano, São Paulo. O treinamento é realizado todas as segundas, quartas e sextas das 17h00min as 21h00min e nos sábados das 09h00min as 12h00min. A atleta treina no local desde 2012, onde começou sua carreira no vôlei paralímpico. Com relação ao vôlei convencional, a atleta continua jogando, mas só como lazer.

## 2.2 Instrumentos

O instrumento utilizado nesta pesquisa é a entrevista semiestruturada. Para Manzini (1990/1991, p.154), a entrevista semiestruturada possui algumas características, uma delas é a utilização de um roteiro previamente elaborado com perguntas principais, podendo durante a entrevista ser complementadas novas questões inerentes às circunstâncias momentâneas da entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI 1990/1991, p.154).

## 2.3 Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Seres Humanos, sob parecer número 2.147.856-COMEP/UNICENTRO. Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) com a pesquisa assinado pela atleta, coletas realizadas no domicílio da atleta na cidade de Pinhão-Pr. A entrevista foi gravada, utilizando áudios (todas as perguntas escutadas e digitalizadas para depois fazer análise) seguindo um roteiro, com perguntas abertas.

## 2.4 Análise dos dados

Dados analisados levando em consideração o protocolo de análise de dados qualitativos denominados Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2009). Depois de todos os dados da entrevista transcritos, essa análise passa-se a escolha de índices ou categorias, expostos no quadro 01, que surgirão das questões norteadoras e a organização destes em indicadores ou temas (BARDIN, 2011, p.100).

Para Bardin (2011) as categorias devem possuir certas qualidades como: *exclusão mútua* – cada elemento só pode existir em uma categoria; *homogeneidade* – para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise. Se existem diferentes níveis de análise, eles devem ser separados em diferentes categorias; *pertinência* – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.; *objetividade e fidelidade* – se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; *produtividade* – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos.

Tendo sido elaboradas as categorias sínteses, passa-se à construção da definição de cada categoria. A definição pode obedecer o conceito definido no referencial teórico ou ser fundamentada nas verbalizações relativas aos temas, ambos, título e definição, devem ser registrados nos quadros matriciais (BARDIN, 2011).

Quadro 1 - Categorias de análise de conteúdo

CATEGORIA 1	Desenvolvimento da carreira.
DEFINIÇÃO	Como se deu e qual é o tipo da deficiência, barreiras enfrentadas por conta da deficiência, envolvimento com o esporte e exercícios físicos, como começou.
TEMAS	Principal motivo da deficiência; Principal envolvimento com o esporte; Como tudo começou.
CATEGORIA 2	O voleibol.
DEFINIÇÃO	Primeiro contato com a atividade física, envolvimento com o voleibol e o porquê, início da experiência, dificuldades no voleibol convencional, primeiras competições no voleibol convencional e adaptado, desempenho de jogo em quadra, diferença do voleibol convencional com o adaptado, treinamentos, diferença entre o social (amizade) do convencional com o adaptado, o que foi mais difícil passando do voleibol convencional para o adaptado, diferença de regras, premiações de melhor jogadora no adaptado, posição de jogo no adaptado.
TEMAS	Primeiros contatos com o esporte visando o convencional e adaptado; Primeiros contatos com competições no convencional e adaptado; Principais dificuldades passando do voleibol convencional para o adaptado.
CATEGORIA 3	Influências do esporte.
DEFINIÇÃO	Influências na vida com o voleibol convencional e adaptado, envolvimento com o voleibol paralímpico, dificuldade de passar do esporte convencional para o alto rendimento, exaustão por conta de treinamento, influência de idade, importância hoje do esporte na vida, pensamentos para desistir, influência do esporte convencional no adaptado, diferença de treinamento, mensagem para os jovens de hoje em dia.
TEMAS	Influências do voleibol convencional e adaptado; Envolvimento com o alto rendimento; Importância do esporte convencional e adaptado.

Fonte: elaboração própria.

### 3 Resultados e discussões

#### 3.1 Desenvolvimento da carreira

Deficientes físicos muitas vezes são vítimas de preconceito e discriminação, isso se dá devido a um aspecto que marca profundamente as relações sociais da pessoa com deficiência, que é a ignorância, no sentido de insuficiência e de ausência de conhecimento. Com relação a isso se pode dizer: [...] ignorância não é atributo apenas dos mais pobres ou dos que têm menos estudo. É algo que está presente em todas as camadas sociais, em muitas famílias, grupos de empresários, funcionários do governo (federal, estadual ou municipal) e, até mesmo, em muitos médicos que não se especializaram em reabilitar pessoas com deficiência ou que não têm prática no tratamento de algumas restrições do corpo (leves ou profundas) (RIBAS, 1996, p.63).

Ribas (1996) coloca a ignorância como sendo responsável por preconceitos relacionados às pessoas que têm deficiências, pois quando alguém não sabe, começa a “achar”, podendo assim fazer interpretações que muitas vezes fogem da realidade da vida das pessoas com deficiência física, mental ou sensorial. Tal aspecto fica evidenciado na narrativa abaixo quando a atleta entrevistada apresenta que vivenciou o preconceito.

Tinha muito preconceito antigamente, muito mais do que agora [...] porque todo mundo me zoava e eu era também muito gordinha, então falavam “ah, você é não sei o que, a baleia sem perna e não sei o que” e por aí ia, e eu não tinha muito como me defender, mas eu nunca dei muita bola pra essas coisas não graças a Deus. (R4)

Na narrativa abaixo, a atleta cita que hoje em dia o preconceito pra ela se tornou menor e as oportunidades para o deficiente físico são maiores. Segundo Teixeira et al. (2008, p.377), até o início do século XX, pessoas com deficiências motoras praticamente não tinham acesso à prática de atividades físicas. As poucas exceções que existiam referiam-se a atividades corretivas, sem a finalidade de aprimorar o condicionamento físico ou oferecer prática esportiva. Em uma tentativa de melhorar a condição de vida dessas pessoas, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, surgiram os centros de práticas de atividade física e esportiva adaptada, com a intenção de oferecer oportunidades de acesso para pessoas com deficiências motoras.

Hoje em dia é tranquilo, até por questão da imagem de atleta e das oportunidades que são um pouco maiores já perde um pouco da questão desse negocio de preconceito de “zoação”. (R5)

Indivíduos com deficiência física podem, para facilitar sua movimentação e/ou locomoção, fazer uso de equipamentos de apoio. Os mais utilizados são as próteses (equipamentos que substituem órgãos ou membros ausentes, porém não necessariamente funções) (TEIXEIRA et al., 2008).

A prótese propicia uma adaptação a um novo modo de vida e pode aumentar a autoestima, fatos de extrema importância para a pessoa que possui deficiência física. Outro fator de extrema importância que auxilia o indivíduo com a deficiência seria a prática de atividades físicas. Segundo Teixeira e Gorgatti (2008, p. 380): a atividade física, seja como fins recreativos ou esportivos, pode colaborar de forma decisiva no processo de reabilitação de indivíduos amputados, ao modificar a maneira pela qual eles percebem a si próprios e a sociedade os percebe. Além disso, a prática de exercícios físicos melhora as condições de controle da prótese pelo indivíduo, pois diminui a atrofia muscular e aprimora a propriocepção.

Nos últimos anos, as próteses utilizadas com finalidades esportivas têm conquistado uma série de avanços tecnológicos, o que as tornou um verdadeiro diferencial para os praticantes de diversas modalidades. As próteses projetadas para a prática esportiva também podem ser utilizadas por pessoas que querem apenas melhorar seu condicionamento físico com programas de exercícios em academias, clubes ou outros centros.

A narrativa abaixo apresenta a necessidade de realizar atividade física para uma melhor adaptação da prótese.

Eu tinha que achar alguma maneira de eu me adaptar melhor com a minha perna porque eu troco ela de ano em ano e no começo é bem complicado porque você tem que arrumar a marcha, você tem que acertar ela [...] então eu precisava de alguma coisa que eu fizesse isso rápido, porque eu sem fazer o esporte, demorava três meses mais ou menos pra eu me adaptar com a perna e eu fazendo vôlei demorava duas semanas no máximo, então foi por causa disso, por adaptação. (R6)

### 3.2 O voleibol

É muito importante incentivar a prática de atividades físicas para pessoas com deficiências, a prática do esporte é uma forma de prevenir enfermi

É muito importante incentivar a prática de atividades físicas para pessoas com deficiências, a prática do esporte é uma forma de prevenir enfermidades secundárias à deficiência e ainda promove a integração social, levando o indivíduo a descobrir que é possível, apesar das limitações físicas, ter uma vida boa e saudável.

A atividade física é entendida como todo e qualquer movimento corporal que resulta num gasto energético acima dos níveis de repouso. Desta forma, a atividade física seja no trabalho, no lazer e nas demais atividades diárias é apontada como importante aliada quando se refere à manutenção corporal e prevenção de doenças crônicas degenerativas (GLANER, 2002).

Atividades físicas podem ser praticadas tanto por competitividade quanto por diversão, ambas podem trazer ao indivíduo benefícios físicos e psicológicos. Segundo Pedrinelli (2011), os benefícios físicos estão relacionados à agilidade, equilíbrio, força muscular, coordenação motora, resistência física, velocidade, ritmo, possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição, prevenção de deficiências secundárias, promoção e encorajamento do movimento, desenvolvimento de habilidades motoras e funcionais para melhor realização das atividades de vida diária (PEDRINELLI, 2011).

Abaixo, apresenta-se uma narrativa em que a atleta cita alguns dos benefícios que ela teve ao começar a prática da atividade física.

Comecei com 10 anos e logo de primeira impressão eu gostei do esporte, nunca pensei em desistir porque, até então estava só agregando. Eu treinava, eu melhorava, eu comecei a emagrecer, comecei a criar força, a desenvolver minha agilidade, resistência física. A questão do meu joelho, eu torcia muito o meu joelho antes, agora depois que eu comecei a treinar eu não torci mais. (R8)

Como já mencionado, o esporte adaptado surgiu como um importante meio na reabilitação física, psicológica e social para pessoas com algum tipo de deficiência. Consiste em adaptações e modificações em regras, materiais, locais para as atividades

possibilitando a participação das pessoas com deficiências nas diversas modalidades esportivas (DUARTE; WERNER, 1995), e também pode ser definido como esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência (GORGATTI; COSTA, 2008).

A oportunidade da prática esportiva para pessoas com deficiência é de extrema eficácia para a promoção da qualidade de vida das mesmas, segundo Melo e López (2002) “é a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias a sua deficiência e promover a integração social do indivíduo” (MELO; LÓPEZ, 2002).

A minha reabilitação física foi ótima no começo, me ajudou em tudo totalmente. Porque você pode ver, por exemplo, pessoas sem pernas, algumas são diferentes de mim, porque eu tenho muito mais mobilidade e isso também vem por causa de eu praticar o voleibol desde criança. Porém, o vôlei sentado não parece, mas ele é muito muito mais desgastante, mais difícil do que o vôlei convencional, porque você usa muito membro superior, então é braço toda hora, é movimento de braço pra cima, pra baixo, pro lado, pra deslocar, pra você fazer tudo, seus braços são “suas pernas e seus braços” então a qualidade de vida ajuda, mas em relação a isso é meio complicado porque hoje eu tenho que conviver com a dor. É bem chato isso mas é nossa realidade do voleibol sentado. (R10)

Diversos fatores motivacionais levam atletas com deficiência à prática de esportes, tais como o desejo de competir, de ser campeão, a busca de convívio social e de auto superação. A análise do comportamento das tendências competitivas em atletas torna-se fundamental na medida com que parte de um pressuposto, de motivações intrínsecas (pessoais) e extrínsecas (ambientais), orientando o indivíduo/atleta em um processo mais amplo de empenho, determinação e satisfação. Assim, as ações esportivas suportam a motivação em parâmetros interativos com as tendências, isto é, atletas que apresentam um comportamento elevado para as tendências competitivas apresentam também uma sensação de satisfação diferenciada na concretização de seu trabalho. (OLIVEIRA; SANTOS; SIMÕES, 2004).

Na narrativa abaixo, a atleta ressalta que possui um espírito muito competitivo, e que não joga somente por participar, pode-se perceber um grande entusiasmo e satisfação na maneira com que ela cita o gosto por praticar o esporte.

Eu tenho o espírito muito competitivo então eu tenho aquele negocio “ah eu quero entrar mas eu quero entrar pra ganhar e não só pra participar”. Então aquilo também me ajudou muito, e eu nunca fui tipo de ah, parar e “eu não vou jogar por causa que ela joga melhor” eu nunca fui tipo de “arregar” [...]. Não tive esses problemas de não querer jogar.

### 3.3 Influências do esporte

Segundo Villas Boas, Bim e Barian (2003) a autoestima está diretamente atrelada à motivação dos sujeitos envolvidos. Atkinson (2002) aponta que a motivação está

ligada à direção do comportamento para um incentivo que produz prazer ou alivia um estado desagradável. A motivação contribui incentivando o comportamento dos sujeitos elevando o prazer e a satisfação ao realizarem suas práticas corporais.

Com as pessoas em situação de deficiência física não é diferente. Schmidt (2001) diz que a pessoa com deficiência física irá participar de uma atividade motora se houver interesse de sua parte. Porém, esse interesse pode ser estimulado, ou seja, pode haver uma motivação. Essa motivação/estímulo também pode ser proporcionada, por exemplo, por um educador, professor, técnico.

A partir desse estímulo, as pessoas com deficiência física se sentem consideravelmente motivadas ao perceberem que existe reconhecimento daquilo que elas fazem. A atleta destaca durante a entrevista o quanto se sente motivada pelo reconhecimento quando cita ser a atleta mais nova que já descobriram no Brasil do voleibol sentado. Cita também em outro momento, o quanto gosta daquilo que faz (SCHMIDT; WRISBERG, 2001).

O meu envolvimento com voleibol adaptado foi quando eu fui pra Maringá, com 13 anos. [...] eu participei do meu primeiro brasileiro e ali o técnico da seleção já me chamou, porque é muito difícil você encontrar pessoas novas com fundamento, e eu tinha o fundamento, o que faltava era adaptação. Até então eu fui à atleta mais nova que eles já descobriram no Brasil de voleibol sentado e isso me motiva muito. (R23)

Eu não penso em desistir do que faço, e eu gosto muito mais hoje [...] vou pra grandes competições e agora é muito mais legal porque antes aqui eu viajava nos municípios, e hoje não, hoje eu viajo pra País, então já é uma coisa muito grande. Só de você conhecer um País já é bom, se fosse eu, eu não teria condições de viajar pra cinco países por ano, então é uma coisa surreal (R30).

O hábito de praticar esportes regularmente traz inúmeros benefícios à saúde e uma melhor qualidade de vida. Além disso, o esporte pode ser levado como carreira profissional. O esporte como profissão é caracterizado pela ocorrência de diversas demandas, diferenciadas daquelas relativas à prática recreacional. A prática esportiva de crianças e jovens é um tema delicado quando são consideradas as experiências competitivas decorrentes. Na prática, os jovens são expostos a situações de pressão que precisam estar de acordo com seu nível de desenvolvimento e de maturidade (DE ROSE JUNIOR, 2002).

A pressão para que o atleta se desenvolva e consiga apreender conhecimentos técnicos e táticos específicos da modalidade são altos. Além disso, existe a cobrança para se atingir bons resultados e obter um ótimo rendimento. No meio de tantas exigências o atleta melhor preparado física e cognitivamente, mais equilibrado emocionalmente e com vivências sociais positivas, possui grande vantagem (MARKUNAS, 2005).

Destaca-se, a partir de algumas falas da atleta, a valorização e a importância que o esporte tem na vida da mesma. Ressalta também que é difícil o comprometimento, porém é o seu trabalho.

Foi por causa do esporte que eu tenho o que tenho e sou o que sou, foi o esporte que me trouxe tudo, se não fosse o esporte eu acho que eu estaria aqui ainda, talvez trabalhando em um mercado que é o que tem aqui em Pinhão hoje em dia, que o mercado de trabalho aqui é muito complicado e é isso. (R11)

Minha principal dificuldade de passar do convencional para o adaptado foi o comprometimento, a partir do momento que você vai lá e você assina o contrato, todo dia você tem que estar treinando. É o seu trabalho [...]. (R24)

Hoje, a importância do esporte na minha vida é total, [...] eu vivo pro esporte, pra minha família e para os meus amigos. (R29)

## 4 Conclusões

Ao concluir esta pesquisa, remete-se novamente ao seu objetivo que foi analisar o desenvolvimento da carreira de uma atleta praticante do voleibol convencional e adaptado até chegar ao nível de elite. A partir disso, buscou-se responder as questões referentes sobre a atuação da atleta profissional, durante sua carreira no voleibol convencional e também na carreira dentro do esporte de alto rendimento no voleibol adaptado, considerando-se as influências sofridas e as transições vividas em ambas às carreiras.

A partir da entrevista realizada com a atleta, observou-se que sua carreira no esporte teve início na sua infância e mesmo com a presença do preconceito no início, observou-se também o quanto o esporte trouxe aspectos positivos na vida da atleta e o quanto os benefícios físicos agregam para o seu desenvolvimento. A prática de atividades físicas é de extrema importância para a qualidade de vida e inúmeros são os benefícios que ela proporciona. Os benefícios da prática esportiva pela pessoa com deficiência são facilmente perceptíveis, melhorias em seu aspecto físico-motor, psicológico e social são evidenciados e contribuem positivamente para a qualidade de vida da pessoa com deficiência.

A atuação em uma carreira esportiva profissional, de alto rendimento, significou não somente a possibilidade de estar em um time grande, também foi responsável pelo desenvolvimento de capacidades físicas, cognitivas e emocionais. Foi apresentado pela atleta que os desafios impostos pelo esporte competitivo, tais como a exigência de controle emocional e físico durante competições e treinos, o desenvolvimento do trabalho em equipe, o conhecimento dos próprios limites e potencialidades, competitividade e os comprometimentos adquiridos durante a vida de atleta de alto rendimento, foram determinantes para a construção da carreira atual.

No presente estudo, a atleta cita que hoje em dia o preconceito para ela se tornou menor e as oportunidades para o deficiente físico são maiores, contudo, apesar desses avanços e benefícios para os indivíduos com deficiência, percebe-se que ainda existem muitos espaços a serem conquistados, com relação ao profissionalismo (valorização), ou seja, formação profissional para atuação com pessoas com deficiência que precisam

de incrementos em sua qualidade, melhorias em prol da inclusão e também em novas oportunidades da prática de esportes adaptados, pois se percebe que indivíduos com deficiência ainda encontram dificuldades com a falta de apoio, acessibilidade e preconceito.

No que se diz respeito às limitações do estudo, sugere-se que novos estudos na área sejam realizados, não somente com um entrevistado, assim, podendo ser estudado também o desenvolvimento da carreira e as influências do esporte adaptado na vida de um maior número de atletas com deficiência em diferentes modalidades e equipes, para assim obterem-se melhores informações e para que os profissionais da área estejam cada vez mais dispostos a “abraçar a causa” e que busquem algum aprofundamento sobre tal questão, para tomar conhecimento da real situação e o nível de potencialidade que estas pessoas trazem consigo.

O esporte adaptado ainda tem muito a proporcionar para pessoas com deficiência. O caminho da educação e da conscientização é importante para continuar a auxiliar na melhoria da qualidade de vida desta população. Com isso, é de extrema importância que o número de práticas de atividades físicas para deficientes seja maior (não só como lazer, mas sim como reabilitação).

## Referências

- ABVP. *Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico*. 2009.
- AMIRALIAN, M.L.T. et al. Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.34, n.1, p.97-103, 2000.
- ATKINSON, R.L. et al. *Introdução à psicologia de Hilgard*. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R.J. Physical activity, fitness, and health: The model and key concepts. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R.J.; STEPHENS, T. (Eds.). *Physical activity, fitness, and health: International proceedings and consensus statement*. Champaign, IL: Human Kinetics; 1994.
- BRAZUNA, M.R.; MAUERBERG-DE-CASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Revista Motriz*, Rio Claro, v.7, n.2, p.115-123, 2002.
- MAUERBERG-DE-CASTRO, E. *Atividade física adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.
- CPB. *Comitê Paraolímpico Brasileiro: Vôlei Sentado*. 2009.
- DE ROSE JR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JR, D. (Org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.67-76.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. Curso de Atividade Física e Desportiva Para Pessoas Portadoras De Deficiência: educação à distância, 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABT/UGF, 1995, v.3.

FREITAS, R.E.A.; SILVESTRE, P. *Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Curitiba, PR: UFPR, 2005.

GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GLANER, M.F. Nível de atividade física e aptidão física relacionada à saúde em rapazes rurais e urbanos. *Rev. paul. Educ. Fis.* São Paulo, v.16, n.1, p.76-85, 2002.

GORGATTI, M.G. et al. Tendência competitiva no esporte adaptado. *Arquivos Sanny de Pesquisa e Saúde*, v.18, n.1, p.18-25, 2008.

GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. da. *Atividade física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

GORGATTI, M.G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In: GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. (Org.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. Barueri: Manole, 2005. p.532-568.

GORLA, J.I. et al. Composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. *Arquivos de Ciência da Saúde Unipar*, Umuarama, v.11, n.1, p.39-44, 2007.

LABRONICI, R.H.D.D. et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* [online]. 2000, v.58, n.4, p.1092.

MACEDO, C.D. *Análise das características do jogo de Voleibol Sentado a partir da recepção do serviço*. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2005.

MANZINI, E.J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p.149-158, 1990/1991.

MARKUNAS, M. *Aspectos psicológicos no desenvolvimento de talentos esportivos*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo 2005.

MELO, A.C.R.; LÓPEZ, R.F.A. O esporte adaptado. *Revista Digital*, Buenos Aires, v.8, n.51, 2002.

MELO, H.F.R. *Deficiência visual: lições práticas de orientações e mobilidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

OLIVEIRA, S.R.S.; SANTOS, C.L.A.; SIMÕES, A.C. Caracterização das tendências de competir, vencer e de traçar objetivos / metas de atletas de voleibol adulto feminino. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE: mitos e verdades, 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: EEFEUSP, 2004. p.227.

PEDRINELLI, A. Atividade física nas amputações e anomalias congênitas. In: GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. *Atividade física adaptada*. Barueri: Manole, 2005.

PEDRINELLI, A. *Os benefícios do esporte para deficientes físicos*. 2011.

RIBAS, João Baptista Cintra. *Viva a diferença: convivendo com nossas restrições ou deficiências*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

SCHIMDT, R.A.; WRISBERG, C.A. *Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, M.C.R.; OLIVEIRA, R. J.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Efeitos da natação sobre a independência funcional de pacientes com lesão medular. *Rev. Bras. Med. Esporte*, (s.1.), v.11, n.4, p.251-54, 2005.

- TEIXEIRA, L. *Atividade física adaptada e saúde: da teoria à prática*. São Paulo: Phorte, 2008.
- TEIXEIRA, L.; GORGATTI, M.G. *Atividade física adaptada e saúde: da teoria à prática*. Luzimar Teixeira. 2008.
- THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividades físicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VILLAS BOAS, M.S.; BIRN, R.H.; BARIAN, S.H.S. Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas. *R. da Educação Física/UEM*. Maringá, v.14, n.2, p.7-11, 2003.
- WOVD. *World Organization Volleyball for Disabled*. 2010.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

### **Notas sobre os autores**

Gabriely Souza Viccari  
Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO. gabiviccariedf@gmail.com

Verônica Volski Mattes  
Professora de Educação Física (licenciatura e bacharel), mestre em Educação e docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava-PR. vero\_edf@hotmail.com

Recebido em: 27/11/2018

Aceito em: 17/12/2018